Em memória de Nelson Werneck Sodré: viver de pé, de olhos abertos

NOTAS

João Quartim de Moraes

Por que novas leis sobre a maneira como os corpos caem, quando só importam as leis sobre a arte e a maneira de cair de joelhos? (Brecht, citado em epígrafe ao capítulo sobre o "Clube Militar" em Memórias de um soldado.)

Nelson Werneck Sodré morreu no dia 13 de janeiro de 1999, em Itu, histórica cidade paulista a que o prendiam lembranças de velho soldado, além de sólidos laços familiares. Há quem deixe obras importantes, há quem deixe exemplos de firmeza de caráter. Sodré deixou ambos. Ninguém, mais do que ele, consagrou a existência ao estudo, patrioticamente crítico, da história social, cultural e política desse país que amou tão entranhadamente, mas que nunca pôde (como tampouco podemos) chamar de nosso no sentido próprio do termo. Sua obra, produzida ao longo de mais de sessenta anos de atividade intelectual, é vastíssima. Compreende cerca de cinquenta livros, além de numerosos artigos e outros escritos dispersos, alguns inéditos, que constituem um estupendo tesouro de idéias legado à inteligência progressista brasileira. Poucas interpretações marxistas do Brasil são tão importantes quanto a que nos legou. Poucas também tiveram tanta repercussão.

O caráter, mostrou-o a vida inteira, particularmente nas horas mais difíceis, que para ele começaram há meio século atrás, em 1950, quando a chapa nacionalista encabeçada pelos generais Estillac Leal e Horta Barbosa venceu por amplíssima maioria as eleições para a direção do Clube

Militar. Sodré, que a integrava, assumiu a direção do Departamento Cultural do Clube, cuja revista tornou-se a tribuna dos oficiais democratas e nacionalistas empenhados a fundo na batalha pelo desenvolvimento nacional, por uma política externa independente do império estadunidense e por reformas sociais que, se tivessem vingado, o Brasil deixaria de ser um "monumento à desigualdade social". A direita militar, exacerbada pelos ódios da Guerra Fria, logo se articulou para aniquilar esse perigoso foco de progressismo, que ousava contestar a subordinação do Brasil ao "colosso do Norte" (fórmula reverencial dos reacionários). A história das perseguições então desatadas, que só seriam suplantadas pelo expurgo promovido pelos golpistas vitoriosos de 1964 contra seus companheiros de farda fiéis à legalidade constitucional, está reconstituída tanto em Memórias de um soldado quanto em História militar do Brasil.

Desde o início dos anos 50, portanto, Sodré, considerado, não sem razão, o principal teórico da esquerda militar, tornou-se alvo constante da animosidade de seus colegas de direita. Interrompida em 1955, quando o general Henrique Lott desarticulou o dispositivo golpista da UDN contra a posse de Juscelino Kubitschek, a perseguição recrudesceu em 1960, com a vitória de Jânio Quadros sobre o general Lott, candidato nacionalista e, mais ainda, após o frustrado golpe militar de 1961 (contra a posse de João Goulart). Entrementes, sua notável

e fecunda atuação no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), tornara-o um dos intelectuais mais conhecidos e respeitados do país. Para poder prosseguir seu trabalho teórico-crítico, solicitou transferência para a reserva. Nas Memórias de um soldado registrou quão difícil foi, para ele, essa decisão, "que vinha amadurecendo de há muito: quatro anos de exílio na fronteira, cinco anos embalsamado... numa Circunscrição de Recrutamento... novo exílio no extremo norte... instrutor de generais e no entanto sem perspectiva nenhuma na carreira...". "Certo", prossegue, "o dever é resistir, incomodar, permanecer, mas eu vinha fazendo isso há praticamente quinze anos, sem resultado algum. Não era justo que militares democratas abandonassem o serviço ativo; mas há um limite além do qual o positivo se torna negativo".1

Nem por isso, em 1964, os golpistas dele se esqueceram: trancafiaram-no dois meses no Forte de Copacabana. Entretanto, para um homem de sua estatura moral e intelectual, os golpes desferidos por adversários ideológicos raivosos e mesquinhos, como os que sofreu no Exército, provavelmente incomodaram menos do que as críticas fáceis dos que acham que o mais forte tem sempre razão e portanto que os derrotados necessariamente estavam errados. Muitos, em tal situação, teriam ficado acabrunhados ou ressentidos. Outros, pior ainda, teriam

'virado a casaca'. Sodré produziu, com a lucidez, integridade e erudição de sempre, obras essenciais.

Das homenagens fúnebres que pudemos ler, as mais justas e melhores são o artigo de André Moysés Gaio, publicado no jornal O Estado de Minas² e as notas obituárias de Moacyr Andrade e de Wilson Figueiredo no Jornal do Brasil.3 Em São Paulo, persistindo post-mortem numa incompreensão não isenta de preconceitos, que vinha de muito tempo e se alimentava do anticomunismo bemeducado de certos meios acadêmicos, um jornalista, repetindo monotonamente as críticas superficiais à caracterização do latifúndio e do imperialismo como inimigos principais da nação brasileira, sustenta que, depois do golpe de 1964, "a teoria sobre o passado feudal do Brasil caiu em desgraça".4 Escapou ao publicista que, com o golpe, não foram apenas as teses de Sodré, mas toda a esquerda brasileira que "caiu em desgraça".

Defender o pensamento de Sodré contra preconceitos e caricaturas constitui um dever intelectual que evidentemente não impede, mas completa, o da objetividade crítica.⁵ Abrir polêmicas foge, entretanto, aos objetivos dessa nota obituária em que pretendemos apenas marcar-lhe nosso apreço e reconhecimento intelectual. Observaremos somente que o uso constante, em sua obra, da categoria "feudalismo" é coerente, na medida em que denota um

- 1. Memórias de um soldado. Vol II. Petrópolis, Vozes. 1988, p. 257.
- 2. "Honra a um revolucionário iluminado", caderno "Pensar" de *O Estado de Minas* , 6/2/1999. No Congresso, um deputado de São Paulo, Aldo Rebelo (PCdoB) tomou a palavra, tão logo teve notícia da morte de Sodré, para homenagear-lhe a memória em vibrante pronunciamento.
- 3. Jornal do Brasil, Caderno B, 15/1/1999.
- 4. Folha de S. Paulo de 15/1/1999.
- 5. Preenche esse requisito a avaliação de Sodré contida em *Iseb, fábrica de ideologias,* de Caio Navarro de Toledo, cuja 2ª edição foi publicada pela Unicamp em 1997.

correlato objetivo perfeitamente determinado (monopólio da terra, extração pelo latifundiário de formas pré-capitalistas de renda da terra, etc.). Cabe, sem dúvida, perguntar se, a propósito do Brasil, essas relações pré-capitalistas não poderiam ser melhor denotadas do que pelo termo 'feudalismo'. "A questão é semântica" explicava Sodré, quando interrogado criticamente a esse respeito. Principalmente da semântica da má-fé. Muitos, com efeito. para refutá-lo, contentaram-se em contrapor ao emprego analógico do termo a interpretação literal, enquanto conceito empírico extraído da sociedade medieval européia. Um dos tópicos do obituário crítico acima referido6 leva por título "Teórico via feudalismo no Brasil". A fórmula não é falsa, mas está redigida sob medida para reforçar preconceitos. Quem não sabe, afinal, que entre nós não houve cavaleiros da távola redonda, castelos e fortalezas medievais? A sugestão óbvia é de que, embora não acreditasse em bruxas, Sodré defendia teses ultrapassadas. Mais correto, mais inteligente e, sobretudo, mais útil para o pensamento social brasileiro, teria sido constatar que defendeu teses polêmicas com a tenacidade daqueles que não se impressionam com críticas fúteis nem com modismos e pedantismos.

Para Sodré, como para a maioria dos comunistas de sua geração (a grande exceção é Caio Prado), o essencial na questão do 'feudalismo', isto é do monopólio latifundiário da terra, era fundamentar a necessidade da reforma agrária. Não há de ser preciso insistir em que a

mobilização dos sem-terra, o mais notável e pujante movimento social brasileiro da última década, confirma o acerto da ênfase posta na luta pela terra e desmente a crítica ao PCB desenvolvida por Caio Prado em *A revolução brasileira*, que pretendia provar não ser necessária uma reforma agrária no Brasil porque não havia campesinato lutando pela terra. O que não impediu os sem-terra de lutar contra os latifundiários, enfrentando a fúria homicida da UDR e o ódio frio da "bancada ruralista" no Congresso.

De resto, não foi o uso da categoria 'feudalismo' e sim a tese de que a burguesia nacional, agente do desenvolvimento econômico, podia aliar-se com as forças progressistas partidárias das "reformas de base", que foi desmentida pelos fatos. Mas imputar a Sodré, como fizeram em vida seus detratores, uma concepção dogmática e politicamente desastrosa da aliança com a burguesia nacional, é simplesmente falsificar seu pensamento. Segundo ele, a contradição entre as burguesias dos países dominados e o imperialismo "é um dado da realidade".7 A base objetiva da aliança das forças populares com a burguesia nacional consistia no comum interesse pelo desenvolvimento capitalista independente da dominação estadunidense. Essa posição, claramente expressa na História da burguesia brasileira, longe de ser mecânica, completa o reconhecimento da dinâmica econômica objetiva pela dialética da correlação de forças: entre "o imperialismo e as forças populares...", a

^{6.} Folha de S. Paulo de 15/1/1999. A obra de Sodré, segundo o jornalista, foi "então" (com o golpe de 1964) "relegada ao esquecimento". Tola alfinetada fúnebre! Na mesma página da Folha de S. Paulo (de 15/1/1999) uma nota bibliográfica de suas "principais obras" enumera trinta e oito livros publicados de 1964 em diante. Para um "esquecido" não é tão pouco assim...

^{7.} Hoje como ontem. Mesmo os ingênuos que levaram a sério o "conceito" mediático de 'globalização' poderiam meditar frutiferamente sobre uma manifestação extremamente contemporânea dessa contradição, a que opõe os lucros usurários auferidos pelo capital financeiro

burguesia "prefere sempre conciliar com o mais forte... Na maior parte das vezes, o mais forte é o imperialismo". Não era fatal que o "empresariado" brasileiro optasse pela condição de sócio menor do império. Valia a pena lutar para que não passasse, como passou majoritariamente em 1964, para o campo da contrarevolução. As conseqüências, continuamos a amargá-las até hoje.

Só podem divergir dessas teses sobre o imperialismo os que estão satisfeitos com a concepção do desenvolvimento "associado" ao império estadunidense, sustentada, na teoria e na prática, por F.H. Cardoso e sócios, "Menudos" políticos empenhados em transformar o Brasil num grande Porto Rico. Aos que não se resignam a essa servidão voluntária travestida de "globalização", a obra de Sodré oferece um estupendo legado de fatos, análises e idéias críticas.

Tivemos oportunidade, mais de uma vez, de discutir com ele as causas do golpe e do fracasso da esquerda. Sua tese é de que esta já estava politicamente derrotada antes do desencadeamento da quartelada de 31 de março.⁹ Fatalismo? Certamente não. Constatação de um fato. Militarmente, uma esquadrilha da FAB teria destroçado os golpistas mineiros comandados pelo fascista impenitente Mourão Filho. Mas os oficiais da Aero-

náutica fiéis à legalidade que tentaram decolar foram presos. O mesmo ocorreu com os oficiais do Exército. Tampouco, o que é mais significativo, os dirigentes sindicais foram seguidos ao lançar a ordem de greve geral.

Resta saber como poderia ter-se conduzido a esquerda para evitar a derrota política de 1964. A resposta de Sodré não cabe numa fórmula. Persistiu, segundo nós com razão, na defesa do programa nacional-democrático. Reconheceu os erros do governo Goulart e da direção do PCB, criticou a inconsequência dos "generais do povo" e o esquerdismo do movimento dos sargentos, que contribuíram para aumentar a sanha dos golpistas e principalmente, para aumentar-lhes o crédito junto à massa da oficialidade, sem contudo transformar uns ou outros em bodes expiatórios de uma derrota sem dúvida trágica por suas nefastas consequências históricas, mas expressando a correlação de forças da sociedade brasileira de então.

Preparou a própria morte com a serenidade de um sábio antigo, lutando até o fim pelas idéias e valores que lhe orientaram a vida. Se homens como ele tivessem prevalecido, o Brasil não seria esse monumento vivo da desigualdade social, nem estaria de pires na mão recebendo ordens do FMI.

'globalizado' e o interesse nacional. Até o presidente F. H. Cardoso, após haver acorrentado o Brasil a Wall Street e ao FMI e tomado dinheiro dos aposentados para tentar saciar a sanha dos especuladores, lembrou-se de que o interesse nacional existe, ao pedir aos detentores, em grande parte brasileiros, de reais especulativos, que parassem de comprar dólar. O ímpeto patriótico presidencial não foi, porém, de longo fôlego. Logo em seguida, entregou o Banco Central a um preposto do especulador multimilionário estadunidense G. Soros.

^{8.} *História da burguesia brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1964, p. 381. Grifado por nós. Comentamos mais amplamente esse ponto em *História do marxismo no Brasil* . Vol. II. Campinas, Editora da Unicamp. 1995, p. 80-81 e 99, nota 32.

^{9.} Em março de 1994 Sodré participou do seminário "O golpe de 64: trinta anos", no IFCH/ Unicamp. A síntese de sua intervenção está em *1994, Visões críticas do golpe* (Caio N. de Toledo, org., Editora da Unicamp. 1997).

MORAES, João Quartim de. (Nota em homenagem a Nelson Werneck Sodré: viver de pé, de olhos abertos). *Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v.1, n.8, 1999, p.169-172.

Palavras-chave: Homenagem; Nelson Werneck Sodré.